



## A CRISE DA IGREJA CATÓLICA: ALGUNS DADOS EMPÍRICOS E PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS

### The Crisis of the Catholic Church: some Empirical Data and Theological Perspectives

*Joaquín Silva Soler \**

**RESUMO:** O artigo analisa o resultado de pesquisa realizada, em 2012, pelo Centro de Políticas Públicas e o Instituto de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de Chile sobre a Igreja Católica nesse país. Os dados do estudo mostram uma situação de crise do catolicismo chileno. Tal crise tem causas diversas, intra e extra eclesial: mudança cultural profunda, crise de identidade missionária da Igreja, crise de fé, crise de confiança, crise que convida a uma nova evangelização. A constatação dos limites da presença e influência da Igreja católica na era pós-moderna constitui desafio oportuno para se afirmar a importância da proposta do Cristianismo como caminho para a felicidade pessoal e para ajudar a construir uma sociedade onde reinem a justiça, a paz e a liberdade. O autêntico cristão vive a fé comprometido com a realidade integral do ser humano e da sociedade. Tal empenho se vincula ao sentido escatológico da fé e da vida eclesial. Os cristãos são chamados a manter viva a esperança, procurando superar a crise através da vivência da conversão e do perdão no seguimento de Jesus Cristo, sempre atentos aos sinais dos tempos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja católica, Crise, Jesus Cristo, Fé, Esperança.

**ABSTRACT:** The article looks at the result of research carried out in 2012, by the Center for Public Policy and the Institute of Sociology of the Catholic University of Chile on the Catholic Church in that country. The data of the study show a crisis situation of Chilean Catholicism. This crisis has many causes, intra and extra ecclesial: a profound cultural change, a crisis of the Church's missionary identity, a crisis of confidence, a crisis that calls for a new evangelization. The finding of the limits of the presence and influence of the Catholic Church in the post-modern era is a timely challenge to assert the importance of the proposal of Christianity as a path to personal happiness and to help build a society where justice, peace and freedom reign. The authentic Christian lives the faith committed to the integral

\* Facultad de Teología, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile. Artigo submetido a avaliação em 19.02.2013 e aprovado para publicação em 17.03.2013.

reality of the human being and of society. Such commitment is linked to the eschatological sense of faith and ecclesial life. Christians are called to keep alive the hope, trying to overcome the crisis through the experience of conversion and forgiveness in the following of Jesus Christ, always attentive to the signs of the times.

**KEYWORDS:** Catholic Church, Crisis, Jesus Christ, Faith, Hope.

## *Introdução*

No final do ano passado, conhecemos no Chile os resultados da Pesquisa Bicentenário 2012, que é a sétima medição realizada por acadêmicos do Centro de Políticas Públicas e do Instituto de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Chile, em conjunto com a empresa Adimark GfK<sup>1</sup>. Uma das virtudes deste estudo é que desde o ano 2006 tem sido possível observar empiricamente as mudanças que ocorreram no Chile em diversos âmbitos da vida social, das representações simbólicas e das expectativas das pessoas. A religião tem sido um dos tópicos permanentemente medidos por este estudo.

Os dados que a Pesquisa Bicentenário nos entrega são preocupantes, nos questionam e nos convidam a pensar. O estudo oferece algo mais que uma fotografia: por sete anos consecutivos a Pesquisa mediu um constante decréscimo da adesão dos chilenos à Igreja católica, a suas práticas culturais e suas doutrinas. Ao mesmo tempo, constata-se um crescimento também constante da adesão às Igrejas protestantes e da não crença religiosa.

Para nós que cremos em Jesus Cristo e em seu Evangelho esta situação não nos pode deixar indiferentes. Se realmente cremos que Jesus é caminho, verdade e vida, então queremos compartilhar nossa experiência de salvação, queremos convidar todos a participar do banquete do Reino, queremos que todos se sintam convidados a fazer parte da comunidade de discípulos que Jesus instituiu como sal da terra e luz do mundo. Cremos que não é a mesma coisa se as pessoas creem em Jesus Cristo ou não, se participam ativamente, ou não, na configuração da comunidade de discípulos. Daí a seriedade de que se reveste este assunto. O que está em jogo é a realização mesma do homem e da mulher, sua felicidade presente e futura, sua capacidade para constituir uma autêntica comunidade universal, na qual reine a justiça, a paz e a liberdade.

Certamente, a fé cristã não é o único modo de existência que pode contribuir para a felicidade do ser humano e a construção da sociedade<sup>2</sup>. No entanto, também cremos que Cristo é a “pedra angular”, aquela pedra que não podemos excluir da construção de nossa existência e da de nosso mundo

<sup>1</sup> UNIVERSIDAD CATÓLICA; ADIMARK. Encuesta Nacional Bicentenario. *Centro de Políticas Públicas UC*, n. 7/12, p. 11-58, 2012.

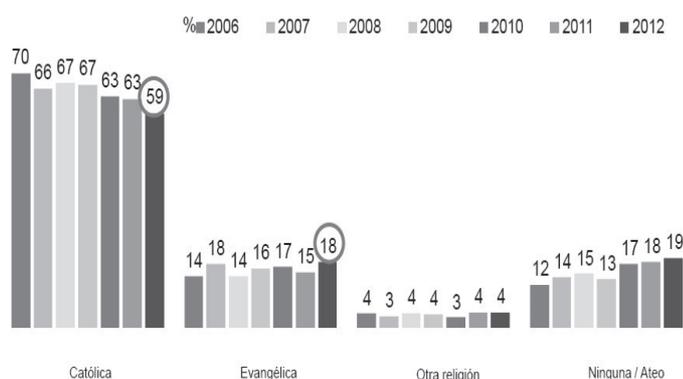
<sup>2</sup> DIENER, E.; TAY, L. The Religion Paradox: If Religion Makes People Happy. Why Are So Many Dropping Out? *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 101, p. 1278-1290, 2011.

(cf. Is 28,16; Lc 20,17; Ef 2,20). Como expressou recentemente o Papa Francisco: “Sabemos quanta violência causou na história recente o intento de eliminar Deus e o divino do horizonte da humanidade, e nos damos conta do valor que tem o dar testemunho em nossas sociedades da originária abertura à transcendência, ínsita no coração humano”<sup>3</sup>. É por isso que o Papa convida os membros de todas as religiões, e também os homens e mulheres que não se reconhecem em nenhuma tradição religiosa, a “defender a dignidade do homem, construir uma convivência pacífica entre os povos e salvaguardar cuidadosamente a criação”<sup>4</sup>.

Os dados da Pesquisa Bicentenário e de outros estudos empíricos na América Latina nos sugerem aprofundar na compreensão teológica da crise da fé e da Igreja e, ao mesmo tempo, nos levam a propor algumas perspectivas que contribuam para sua superação.

## 1 Uma mudança cultural profunda

Com certeza, esta não é a primeira nem a última crise do cristianismo. No entanto, até a Ilustração, talvez todas as crises anteriores aconteceram em contextos de expansão do cristianismo e, de uma ou outra forma, expressavam os conflitos que implicavam o anúncio e vivência do Evangelho de Jesus Cristo em culturas diversas da de sua origem. Pensemos, desde já, na primeira crise em torno da necessidade da circuncisão para a salvação, questão que “produz uma discussão e agitação não pequena” (At 15,2). Com efeito, o que estava em questão era a própria possibilidade do alcance universal da salvação de Deus em Cristo, por meio do dom de seu Espírito.

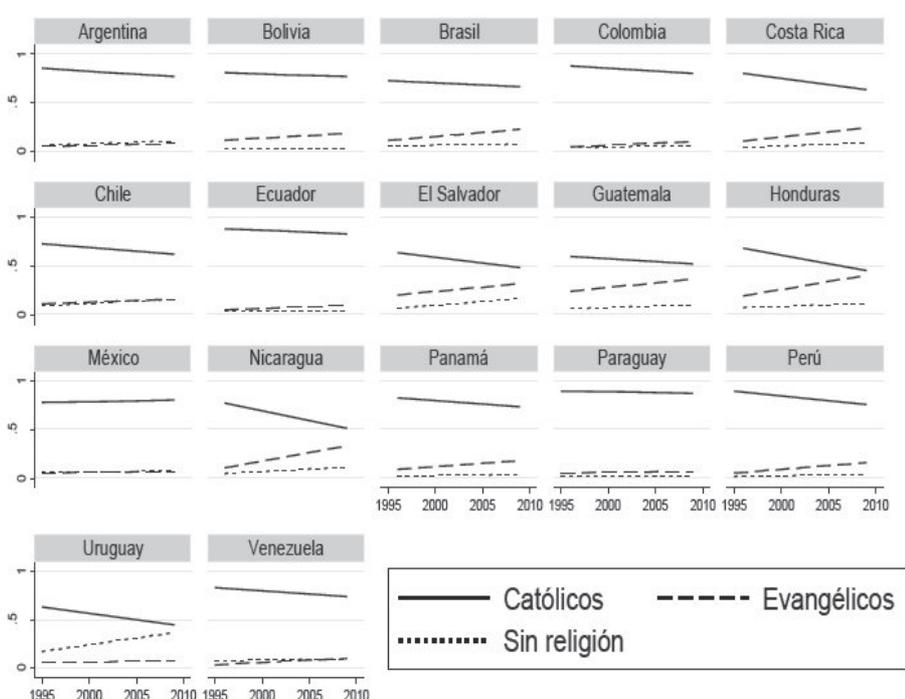


<sup>3</sup> FRANCISCO, Papa. *Encuentro con los representantes de las Iglesias y comunidades eclesiales, y las diversas religiones*. Retrieved April 1, 2013 localizado em [http://www.cataican.va/hoy\\_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130320-delegati-fraterni\\_sp.html](http://www.cataican.va/hoy_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320-delegati-fraterni_sp.html).

<sup>4</sup> *Ibid.*

A crise de hoje não é uma crise de crescimento, mas de enfraquecimento das identidades, das práticas, da adesão a determinadas doutrinas eclesiais. Se em 2006 cerca de 70% das pessoas se reconheciam “católicas”, hoje o fariam só 59%. Para onde foram essas pessoas? Principalmente às igrejas evangélicas (em 2006 representavam 14% da população e hoje representam 18%), ao desinteresse por qualquer religião e à não crença (os 12% em 2006 hoje chegam aos 19%). A participação na eucaristia dominical só alcança 15% dos católicos; e, entre os jovens (14 a 19 anos) esta se situa em torno dos 8%.

Segundo os dados da Pesquisa Latinobarômetro, de 1995 a 2009, a situação não difere muito em relação a outros países latino-americanos; ainda que, seguramente, como o indica a seguinte figura, também há diferenças:



As raízes da atual crise, desde uma perspectiva histórico-social, se pode remontar à Ilustração e sua reivindicação da autonomia do sujeito, aos processos de industrialização, à revolução francesa e aos ideários republicanos, ao surgimento das cidades e dos estados nacionais, às demandas de democratização, à construção de mercados transnacionais, à globalização,

à secularização, etc. Mas o que têm em comum esses processos histórico-sociais? Eles questionaram e contestaram radicalmente a fé religiosa como fonte de sentido para a existência humana<sup>5</sup>. Consequentemente, também o questionamento e a crítica alcançaram a expressão comunitária e social da fé, a comunidade dos crentes, a Igreja. Nesse sentido, ainda que a atual crise se diferencie da que aconteceu nos tempos de expansão do cristianismo, já tampouco é a mesma crise que se iniciou com a Ilustração e que marcou os processos de secularização, principalmente ocorridos na Europa. E o que é que a diferencia da atual crise?

A diferença é que a fé católica nem sequer é contestada e, conseqüentemente, hoje interessa muito pouco o que possa opinar os expoentes da doutrina católica, inclusive a respeito de temas de caráter ético. Como se expressou E. Valenzuela, “a secularização de massas se distingue pela substituição crescente do laicismo pelo indiferentismo religioso”. Mais generalizadamente, se produziu um desligamento bastante radical entre a fé e a vida. Como afirmava o Papa Paulo VI no ano 1975, “a ruptura entre Evangelho e cultura é sem dúvida alguma o drama de nosso tempo”<sup>6</sup>. O mesmo processo de diferenciação social possibilitou que a religião, quando existe, fique relegada a um subsistema dentro da sociedade cujos códigos (imanência-transcendência), pouco ou nada dizem para os sistemas éticos, econômicos, jurídicos, políticos, etc<sup>7</sup>.

## ***2 Crise da identidade missionária da Igreja***

Segundo o que foi dito, então, a crise teria antecedentes nos processos de expansão do cristianismo, na Ilustração e, nestes últimos tempos, nos processos de diferenciação social. Mesmo que pensamos que isso é assim, também cremos que a atual crise do cristianismo tem causas na própria Igreja e que seus problemas não se deixam simplesmente endossar a cultura, os processos histórico-sociais, por mais que eles estejam incidindo em nossa compreensão e vida de fé.

Na Pesquisa Bicentenário se consigna que só para 33% dos católicos é importante “dar testemunho da fé” e só 31% dos católicos pensa que a opinião da Igreja católica deveria ser considerada na hora de debater questões de caráter público. Dados como estes podem nos indicar – como o fazia o Papa Bento XVI – que a crise da Igreja implica – junto a causas culturais – uma séria deficiência na identidade missionária da Igreja: “Os três Evange-

<sup>5</sup> Cf. FIGL, J. *Philosophie der Religionen: Pluralismus und Religionskritik im Kontext europäischen Denkens*. Paderborn: Schöningh, 2012.

<sup>6</sup> PAULO VI, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii nuntiandi*, 1975, n. 20.

<sup>7</sup> Cf. LUHMANN, N. *La religion de la sociedad*. Madrid: Trotta, 2007.

lhos sinóticos – afirmava o Papa – destacam distintos aspectos do envio para a missão: a missão se baseia antes de tudo em uma experiência pessoal: “Vós sois testemunhas” (Lc 24,48); se expressa em relações: “Fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19); transmite uma mensagem universal: “Proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). No entanto, por causa das pretensões e dos condicionamentos do mundo, este testemunho é ofuscado, alienadas as relações e relativizada a mensagem”<sup>8</sup>.

Nestas palavras de Bento XVI se nos indicam três dimensões da crise eclesial que, ainda que condicionadas pela cultura, são propriamente responsabilidade da comunidade dos discípulos de Jesus. À luz delas podemos nos perguntar, em primeiro lugar: que aconteceu com nosso testemunho?; de que estamos dando testemunho?; de que falam nossos atos e palavras?; de que modo eles são expressão de um encontro vivo com Jesus Cristo?; por que nosso testemunho tem sido “repetidamente ofuscado”?

Em segundo lugar: que aconteceu com o mandato de fazer *discípulos de Cristo*? Aqui está em jogo não só a missão, o sair de nós mesmos para ir ao encontro do demais, mas o próprio propósito desta missão, a finalidade do envio de Jesus Cristo, a relação que Jesus quis estabelecer conosco. Devemos então perguntar-nos: qual é o tipo de relações que buscamos estabelecer com os demais?; essas relações são de liberdade ou de dominação? Interessa-nos criar e sustentar relações de amo-escravo? Ou, a exemplo de Jesus, queremos viver na amizade e fraternidade? Como se verifica em nossas relações eclesiais que somos todos discípulos de um único Mestre? Por que nossas relações se “alienaram”?

Por último, em terceiro lugar, o Papa nos convida a perguntar-nos pela fidelidade de nossa mensagem: estamos proclamando o Evangelho de Jesus a toda a criação? Qual é o conteúdo desse Evangelho? Compreendemos-lo? E o acolhemos em nossa vida? Por que relativizamos tanto os ensinamentos de Jesus, que nossos contemporâneos já quase não reconhecem em nossas palavras as palavras do Senhor?

### 3 Uma crise de fé

Em um terceiro nível de análise da crise eclesial – conectado a outros dois: à cultura e à identidade missionária – considero que é necessário alcançar um nível ainda mais radical e profundo, que é a crise de fé<sup>9</sup>. Com certeza,

<sup>8</sup> BENTO XVI, Papa. *Discurso en el Encuentro con los católicos comprometidos en la Iglesia e la sociedad*. Freiburg, 25 Set. de 2011.

<sup>9</sup> Cf. SILVA, J. Jóvenes y religion: Cuando a crisis es motivo de esperanza. In: SOCIEDAD CHILENA DE TEOLOGÍA (Ed.). *Crisis epocal: oportunidades y desafíos a la fe y a la Iglesia*, vol. 1- Book, 1-Section. Talca: Sociedad Chilena de Teología, 2007, p. 61-93.

as profundas mudanças culturais têm condicionado a atual crise eclesial, do mesmo modo as nossas deficiências e claudicações na missão. Mas profundamente unidas a essas condições de nosso entorno cultural e eclesial, está a debilitação da própria fé. Não se trata de separar a crise da Igreja de suas causas culturais e institucionais, mas sim de reconhecer que ela tem raízes que alcançam a própria existência crente. A fé não existe sem relações institucionais; porém também é possível afirmar que o definitivo da fé implica a conversão pessoal, no convencimento, na decisão livre de todo homem e mulher. O Cardeal Walter Kasper, recordando uma tese exposta por Moltmann<sup>10</sup>, afirmou que a atual crise eclesial não se explica adequadamente quando ela fica ancorada apenas a considerações de caráter institucional, posto que ela – ao final das contas – comporta um caráter claramente teológico: fica referida a Deus, às condições e possibilidades de reconhecê-lo e amá-lo como o sentido último e definitivo da existência<sup>11</sup>. Certamente, sem olvidar a dimensão institucional, nas palavras do Cardeal Kasper se acentua o momento mais subjetivo da religião. Por isso, é necessário acrescentar que a “crise de Deus” – o pensar, crer e falar sobre Deus – não é uma questão que acontece só na interioridade das pessoas, que só afete o campo das ideias, que seja só uma questão de vivência religiosa<sup>12</sup>.

A denominada “crise de Deus” está estreitamente relacionada com a crise da Igreja, considerada esta em sua visibilidade histórica e institucional<sup>13</sup>. Sem nenhum temor de nos equivocarmos, podemos afirmar que a atual “crise de Deus” está fortemente condicionada pelas formas históricas nas quais aparece a Igreja para os homens e mulheres de hoje. Para muitos dos que se distanciam da Igreja católica, esta se tornou religiosamente incompetente: quer dizer, suas instituições e normas não remetem a Deus; não contribuem para a ligação da fé com a vida; não é um lugar onde se experimenta a graça e a liberdade<sup>14</sup>.

Como vimos em diversos estudos<sup>15</sup>, é certo que a fé cristã não desapareceu totalmente, mas também é certo que enfraqueceram a identificação institucional, as crenças e as práticas. Por outro lado, a tendência à não

<sup>10</sup> Cf. METZ, J. B. Gotteskrise. Versuch zur “geitigen Situation der Zeit”. In: AA.VV (Ed.). Vol. 1- Book, 1- Section. Düsseldorf: Patmos, 1994, 76-92.

<sup>11</sup> Cf. KASPER, W. *Stellungnahme Theologen-Memorandum*, 2011. Retrieved November 25, 2012, from <http://www.kardinal-kasper-stifung.de/Theologen-Memorandum.html>.

<sup>12</sup> Cf. ORTH, S. Welche Krise? *Herder-Korrespondenz*, v. 65/4, p. 163-165, 2011.

<sup>13</sup> Cf. ECKLHOLT, M. Aggiornamento in Zeiten der Krise. *Herder-Korrespondenz*, v. 65(2), p. 82-87, 2011.

<sup>14</sup> Cf. KUNSTMANN, J. *Rückkehr der Religion: Glaube, Gott und Kirche neu verstehen*; KUNSTMANN, Joachim 1. Aufl. Gutersloh: Gutersloher Verlag-Haus, 2010.

<sup>15</sup> CEP. *Creencias religiosas y morais en Chile. ¿Qué dicen las Encuestas?* Presentación espacial. Santiago: CEP, 2005; FEDIAKOVA, E.; PARKER, C. Evangélicos en Chile Democrático (1990-2008): Radigrafía al centésimo aniversario. *Revista Cultura y religión*, v. 3(2), p. 43-69, 2009; LAGOS, M. La imagen de la Iglesia. Su evolución en el último cuarto de siglo. *Mensaje*, n. 472, p. 28-31, 1998; UNIVERSIDAD CATÓLICA; ADIMARK. Encuesta Nacional Bicentenario. *Centro de Políticas Públicas UC*, v. 7(12), p. 11-58, 2012.

crença – em suas formas agnósticas e ateias – também aumentaram<sup>16</sup>. Parece que, efetivamente, vamos nos aproximando de uma época onde a cultura já não é mais católica, nem cristã, nem sequer univocamente religiosa. Na América Latina, o campo religioso é “um espaço ampliado, cujas fronteiras são porosas e se superpõem com as de outros campos sociais [...]. E mesmo que aumenta a população que se declara não crente e não pertencente a religião alguma é constatável que também se verificam reformulações nas atribuições de sentido e reinterpretções de universos simbólicos próximos que dão, como resultado, instâncias de participação religiosa de grande vitalidade”<sup>17</sup>. Neste sentido, a “crise de fé” não implica necessariamente deixar de crer: a crise pode também significar uma revisão crítica daquilo que era acreditado e praticado; pode ser ocasião de aprofundar no caminho de fé já iniciado; pode levar a explorar novos caminhos de buscas espiritual e religiosa; e, quiçá, esses novos caminhos nem sequer representam para a pessoa um abandono total das antigas crenças e práticas. Mas, seja como for, o constatável é a crise de fé, a reconfiguração do campo religioso, a compreensão de que “o mais do mesmo” não tem sentido.

#### **4 Uma crise de confiança**

Agora, gostaria de acrescentar um quarto nível desta análise e que é de caráter antropológico. Com efeito, segundo a tradição bíblica a fé é adesão total – *o amém* – do homem à palavra definitiva e salvadora de Deus (cf. Sl 28,7; 37,5; Pr 16,20; 2 Cor 3,4). Crer é poder confiar no amor de Deus abandonar-se nEle, ter a certeza de que nada poderá nos separar de sua proximidade libertadora (cf. Rm 8,31-39). Este convite a crer, a confiar em Deus e em sua Palavra, é um chamado à nossa consciência, uma interpe-lação à liberdade, um convite à amizade com Deus. E como tal, portanto, requer nossa natureza, nossas próprias capacidades e condições. O axioma clássico afirma que a graça supõe a natureza e a aperfeiçoa.

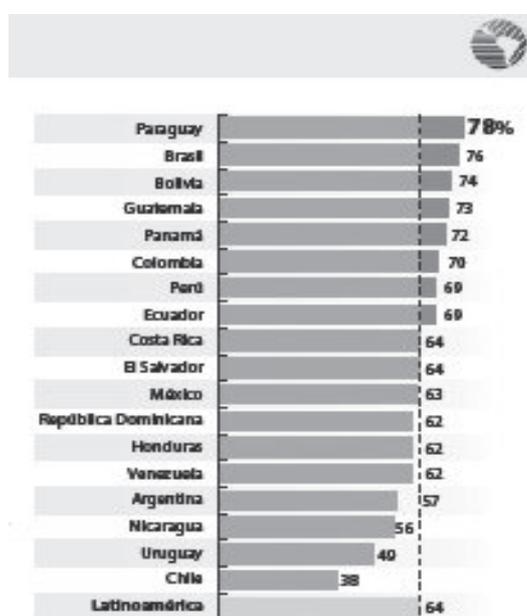
E, a nosso juízo, aqui se nos apresenta uma dificuldade importante na medida em que o confiar se tornou uma virtude escassa, pouco habitual e para muitos uma ingenuidade.

Em muitos âmbitos, nossa vida nos alerta sobre a ameaça que representam os outros, os ocultos e inconfessados e interesses que animam as condutas dos demais, as vantagens econômicas e políticas que os demais perseguem em seu gesticular, o abuso e o engano ao sermos submetidos pelos sistemas

<sup>16</sup> PARKER, C., Política, religiosidad y ateísmo en universitarios chilenos: ¿nuevos paradigmas? *Estudios Avanzados Interactivos*, v. 5(7), p. 1-27, 2006.

<sup>17</sup> MALLIMACI, F.; BELIVEAU, V. G. Creencias en el Cono Sur de América. Entre la religiosidad difusa, la pluralización del campo religioso y las relaciones con lo público y lo político. *Revista argentina de sociología*, v. 5(9), p. 44-63, 2007, p. 61.

de saúde, educação, financeiro, etc. Na América Latina, a confiança interpessoal alcançou no ano 2011 os 22%, enquanto que este mesmo indicador alcança níveis próximos aos 70% nos países europeus<sup>18</sup>. A respeito da confiança nas instituições, a Igreja católica continua sendo a que goza de maior confiança pública, alcançando uma média de 64% pelo ano 2011. No entanto, é também a confiança na Igreja católica que baixou de maneira mais sistemática ao longo dos anos: desde os 76% no ano 1996 aos 64% no ano 2011, com uma baixa de três pontos percentuais em relação ao ano de 2010.



Parece que vivemos desconfiando dos demais. E se isso é assim, então como crer em Deus? Parece que nada nem ninguém nos ensinou a crer. O Tango de Enrique Santos tinha razão: “Verás que tudo é mentira, verás que nada é amor, que ao mundo nada importa”<sup>19</sup>. Tudo parece ser embuste e hipocrisia. As confianças mais constitutivas de nossa vida pessoal e social desapareceram. Então as perguntas persistem: Como crer? Em quem crer? O que crer? Afirmar voluntariamente crer

em Deus, sem crer nos demais, parece ser impossível. Crer em Deus, requer e exige crer nos demais. Ninguém pode amar a Deus se não ama o irmão (cf. 1Jo 4,20).

## 5 Uma crise que nos convida a uma nova evangelização

Não há de se olhar os problemas pelos quais passam hoje a fé e a Igreja como fonte de calamidades. Antes, deve-se perguntar pelo que Deus nos

<sup>18</sup> LATINOBARÓMETRO. *Latinobarómetro* 2011, p. 50. Retrieved April 1, 2013, from <http://www.latinobarómetro.org/latino/latinobarómetro.jsp>.

<sup>19</sup> SANTOS, Enrique, *Yira*).

quer dizer neste contexto, nessa realidade. A resposta não é fácil. Porém, todo tempo complexo pode constituir-se em uma oportunidade para se viver na verdade e crer no amor. Como disseram os Bispos no recente Sínodo, “não ocultamos os problemas que tais desafios supõem, porém não nos atemorizam [...]. Também nas formas mais ásperas de ateísmo e agnosticismo podemos reconhecer, ainda que em modos contraditórios, não um vazio, mas uma nostalgia, uma espera que requer uma resposta adequada”<sup>20</sup>.

Desde modo, a crise atual em vez de nos envolver em culpa e temor, se converteu em um chamado à esperança e ao amor, a uma nova evangelização: “hoje, ante tantos cúmulos de céu cinzento, temos de ver a luz da esperança e dar nós mesmos esperança”<sup>21</sup>.

a) Esta nova evangelização nos exige reconhecer olhar o fenômeno religioso muito mais diferenciadamente: sua pluralidade, sua “subjativação” ou “individualização”, suas alienações e contradições. Os dados que nos apresentou a Pesquisa Bicentenário, coincidentemente com outros estudos<sup>22</sup>, nos estão indicando que o fenômeno religioso é plural, diferenciado, que tem diversos matizes e riquezas. Estudos como estes nos ajudam a reconhecer diversas identidades religiosas e não religiosas. No interior do próprio catolicismo também ocorre uma pluralidade de crenças e práticas. O fato religioso deixou de ser uniforme<sup>23</sup>. Talvez nunca tenha sido tanto, como o demonstra a existência da religiosidade popular, com sua rica tradição mariana, e como também o indicam as crenças e espiritualidades dos povos indígenas. Parece que, efetivamente, há uma diferença importante entre a religião professada e a religião vivida, e que quando falamos de religião sempre seja necessário considerar que se trata de um fato que na vida das pessoas e dos povos adquire traços próprios. Neste sentido, falar de “católicos à minha maneira”, parece quase tautológico. Pode-se ser “católicos” de verdade, sem sê-lo “à maneira de cada qual”. Crer implica necessariamente a liberdade, fazer vida na própria pessoa e cultura aquilo que se crê, relacionar-se com Deus segundo as condições de nossa própria época.

<sup>20</sup> *Mensaje del Sínodo de Obispos*, 2012, n. 6.

<sup>21</sup> FRANCISCO, Papa. *Homilia del Papa Francisco durante la misa de inauguración del Pontificado*. Retrieved April 1, 2013, from [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130319\\_omelia-inizio-pontificato\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato_sp.html).

<sup>22</sup> Cf. BURDICK, J. Religion and Society in Contemporary Latin America. *Latin American politics and society*, v. 52/2, p. 167-176, 2010; GARMANY, J. Slums, space and spirituality: religious diversity in contemporary Brazil. *Area*, n. 45/1, p. 47-55, 2013. doi:10.1111/j.1475-4762.2012.01134.x; IVAKHIV, A. (2006). Toward a geography of “religion”: Mapping the distribution of an unstable signifier. *Annals of the Association of American Geographers*, n. 96/1, p. 169-175, 2006. doi:10.1111/j.1467-8306.2006.00505.x; MALLIMACI, F. Religious diversity in a global village: Institutional heterogeneity and individualization of believing. *Social compass*, v. 45, n. 1, p. 57-63, mar. 1998; SELKA, S. New Religious Movements in Brazil. *Nova religio*, v. 15(4), p. 3-12, 2012. doi:10.1525/nr.2012.15.4.3

<sup>23</sup> Cf. IRARRÁZVAL, D. Identidad polisémica. *Teología y Vida*. Santiago de Chile, v. 4, n. 46. p. 615-624, 2005.

b) Em fidelidade à tradição. A final, então: O que é a religião? Qual é o verdadeiro catolicismo? Quando a religião é verdadeira? Ante à diversidade religiosa – de que agora se toma consciência – está à mão o claudicar ante a pergunta pela verdade, claudicar ante à pergunta pelo verdadeiro rosto de Deus, renunciar ante à pergunta pela verdade. Diz-se então com certa fatalidade: “se afinal tudo é a mesma coisa”; “todas as religiões são iguais”; “Deus é o mesmo para todos”. Sem claudicar ante à pergunta pela verdade, no entanto, há de se convir que quando falamos de religião e, mais ainda quando falamos de Deus, não estamos falando de uma coisa que possa ser reduzida a nossa observação e a nossos conceitos. Porém, justamente, pela transcendência do objeto, o pensamento se vê uma e outra vez desafiado a continuar pensando, continuar buscando, a não deter-se nunca em fórmulas concebidas e habituais.

O contexto de mudança cultural no qual que hoje vivemos, em grande parte impulsionada pelos processos de globalização, não nos permite ficar com uma imagem fixa do mundo nem de Deus, menos ainda do Evangelho recebido de Jesus Cristo e testemunhado pelos Apóstolos. Como se advertia em *Aparecida*: “Muitas vezes, as linguagens utilizadas parecem não levar em conta a transformação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por um amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da fé por parte da família e da sociedade. Diante disso, não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação social”<sup>24</sup>. A fidelidade à tradição supõe não claudicar ante à pergunta pela verdade, reconhecer os símbolos e linguagens dos quais ela emerge hoje, buscar sempre seu acontecer na história<sup>25</sup>. A fidelidade à tradição, no mesmo sentido de *Aparecida*, exige a lucidez e a coragem para “abandonar as estruturas caducas que já não favoreçam a transmissão da fé”<sup>26</sup>. Este deve ser um exercício lúcido, posto que nem sempre é tão claro nem distinto quais são essas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé. E, além disso, requer coragem, porque não é fácil abandonar tradições e costumes que nos oferecem seguranças, reconhecimento e inclusive poder.

c) A fé que dá razão da esperança (1Pd 3,15). Diante da necessidade de superar o racionalismo e o exercício de uma razão meramente instrumental, tem-se colocado – no outro extremo – um tradicionalismo fideísta que recusa a razão e suas possibilidades para conhecer Deus. Efetivamente, a fé não se reduz aos conceitos da razão, mas tampouco ela fica confinada às emoções

<sup>24</sup> CELAM, *Conferência de Aparecida*, 2007, n. 100 d.

<sup>25</sup> Cf. DULLES, A. Tradición auténtica e inauténtica. *Communio*, n. 4, p. 15-23, 2001; TORAÑO FERNÁNDEZ, A. Elementos para la comprensión actual de la transmisión y recepción de la fe. *Sal Terrae*, n. 93, p. 711-721, 2005.

<sup>26</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conferência de Aparecida*, 2007, n. 365.

do sujeito. A fé tem sua lógica; para que seja plausível deve ser conforme à razão<sup>27</sup>; deve contribuir para a plenitude do exercício do pensar e da liberdade. Por isso, como ensinava o Papa João Paulo II: “É ilusório pensar que a fé, ante uma razão débil, tenha maior incisividade; ao contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a mito ou superstição”. Faz poucos dias o Papa Bento XVI reiterou, também, que “A fé não é cega, trata de entender e demonstrar que é razoável [...]. Fé e razão se necessitam e complementam, não só para uma compreensão meramente intelectual mas também para alimentar verdadeiras esperanças na humanidade e orientar as atividades para a promoção do bem de todos. O testemunho de que quem nos precedeu e dedicou sua vida ao Evangelho sempre o confirma: é razoável crer”<sup>28</sup>. Por isso, ante uma razão débil não só a fé fracassa, mas também a própria razão que não recebe o aporte da fé e de sua compreensão: “creio para entender e entendo para crer”, dizia Santo Agostinho.

d) A fé que segue a conversão. Em um resumo que o próprio São Marcos nos oferece no Evangelho de Jesus, escreve o seguinte: “O tempo se cumpriu, o Reino de Deus está próximo, convertam-se e creiam” (Mc 1,15). Segundo este texto, a fé segue a conversão e, por sua vez, a conversão segue a experiência da ação salvífica de Deus na história. Daí que a conversão da Igreja que exige a nova evangelização exige não resulta de uma olhada ensimesmada da Igreja, dos cristãos. Não resulta somente pelas demandas sociais, nem tampouco da má imagem que deixam pesquisas como a que comentamos. A nova evangelização não é para mudar a imagem deteriorada da Igreja católica. Isso não é suficiente e sabemos que tampouco é capaz de mobilizar. A conversão está movida pela alegria da presença de Deus, pela acolhida do Espírito que nos interpela, pela renovação e transformação que essa presença gera. “Por seus frutos os conhecereis, ensina Jesus (Mt 7,16). Por isso, Bento XVI afirmou que o ano da fé “é um convite a uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo [...]. A fé, com efeito, cresce quando se vive como experiência de um amor que se recebe e se comunica da graça e gozo”<sup>29</sup>.

Sem dúvida, a situação atual faz premente a missão, a nova evangelização. No entanto, esta também pode ser muito mal entendida. “A Igreja se abre ao mundo, não para obter a adesão dos homens a uma instituição com suas próprias pretensões de poder, mas antes para fazê-los entrar em si mesmos e conduzi-los assim para Aquele do qual toda pessoa pode dizer com Santo Agostinho: Ele é mais íntimo que eu mesmo (cf. Conf., 3, 6,11)”<sup>30</sup>. Desde modo, sem conversão não há fé nem missão. Sem fé, a missão se converte

<sup>27</sup> DH 3009.

<sup>28</sup> BENEDICTO XVI, Papa. *Catequesis del Papa sobre lo razonable de creer*. Retrieved November 21, 2012, from <http://www.aciprensa.com/noticias/texto-completo-catequesis-del-papa-sobre-lo-razonable-de-creer-en-dios-76463/>.

<sup>29</sup> BENTO XVI, Papa. Carta apostólica *Porta fidei*, 2011, n. 6.7.

<sup>30</sup> BENTO XVI, Papa. *Discurso en el Encuentro con los católicos comprometidos en la Iglesia e en la sociedad*. Freiburg, 25 Septiembre de 2011).

em proselitismo, em autoafirmação da própria identidade, em esforço ansioso de reconhecimento e aceitação.

Por isso, afirmam os bispos no recente Sínodo “se esta renovação fosse confiada a nossas forças, haveria sérios motivos de dúvida, mas os primeiros atores da conversão e da evangelização na Igreja não somos nós, pobres homens, mas o Espírito do Senhor. Aqui está nossa força e nossa certeza, que o mal não terá jamais a última palavra, nem na Igreja nem na história: ‘Não se turbe vosso coração e não tenhais medo’ (Jo 14,27), diz Jesus a seus discípulos”<sup>31</sup>.

e) A fé que não foge da morte. Por último, pensamos que a crise de Deus nos impulsiona a um testemunho da fé, capaz de encarar a morte e de afirmar o triunfo definitivo da vida. À luz da Pesquisa Bicentenário, na qual 71% das pessoas afirmam pensar com pouca ou ingênua frequência a respeito da morte, constata-se uma dificuldade para enfrentar uma realidade da qual sabemos que não podemos fugir. No melhor dos casos, fazemos como se ela não existisse. E, em verdade, o logro é apenas efêmero, passageiro, uma ilusão. A morte se nos apresenta e ameaça tudo, aniquila tudo. Sabemos que a morte é um instante definitivo no qual tudo fica reduzido a nada ou, quiçá, pelo contrário é o instante em que se desvela o sentido e a verdade de tudo. A morte, como comumente se afirma é a hora da verdade. Por isso Jesus adverte sobre a precariedade de nossa vontade de acumular, de pôr a segurança naquilo que podemos produzir e guardar em “celeiros” cada vez maiores: “homem nécio, esta noite morrerás” (Lc 12,13-21).

É certo que devemos viver o tempo presente, mas só o *carpe diem* não é fonte de verdade nem de liberdade. Quando só nos voltamos à vida do tempo presente, desconhecemos que este tempo tem profundas raízes no passado e que, pelo menos em parte, recebe seu sentido do futuro. Não podemos viver do passado, nem tampouco do futuro. No entanto, viver o presente não satisfaz nosso desejo de ser, nossa sede de infinito, de transcender a imediatez. O ser não se encerra no presente, mas em sua abertura radical à história inteira, em especial ao futuro do qual recebe sua consistência definitiva. Por isso, a carta de Paulo aos Hebreus nos diz que “a fé é fundamento do que esperamos, prova do que não vemos” (Hb 11,1). Aquilo que esperamos – a felicidade plena e definitiva, a comunhão com Deus, com os demais e com toda a criação – se antecipa no hoje da fé e se constitui em seu fundamento. Por isso, como dizia Pablo Neruda, em *Estravagario*, “de quando em quando há que dar-se um banho de tumba”. Este olhar o futuro iniludível da morte permite ponderar melhor a verdade e realidade de nosso presente, reconhecer qual é o fundamento de nosso atarefado existir, discernir com esperança o presente que terá futuro por graça de Deus<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> *Mensaje del Sínodo de Obispos*, Octubre 2012, n. 5.

<sup>32</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 39.

## Conclusão

A crise das religiões e, em particular do cristianismo, poderia ser terminal. Talvez, não se veem sinais muito alentadores: autoritarismos, dogmatismos, fundamentalismos, relativismos, etc. Pareceria não existir pensamentos teológicos nem filosóficos que sejam uma orientação consistente na busca epocal da verdade. Os movimentos de renovação e mudança na Igreja católica têm levantado suspeitas e resistências, de um lado ou de outro. Há quem proponha voltar ao de sempre, ao certo, ao claro e distinto. Observa-se a crise como algo alheio; é algo que não nos afeta, algo pelo qual não somos responsáveis; a crise se deve ao relativismo, à secularização, ao indiferentismo, ao hedonismo, etc. Dos “profetas de calamidades” – que não faltam – seguem os passos “os profetas light”, os profetas da boa onda, que hoje estão na moda. Para estes, trata-se de “pensar o positivo”, “olhar para adiante”, “ter confiança no futuro”.

É certo que o Senhor não abandonará a sua Igreja no anúncio do Evangelho (cf. Mt 28,20); porém esta convicção não pode dar lugar à inércia nem à negligência; mas (cf. Mt 25), o dom do Espírito nos compromete a viver desde já segundo essa esperança, na fortaleza de uma fé que se faz verdade por meio da caridade (cf. Gl 5,6). Não basta reiterar nossas opções e crenças. Como expressaram os bispos latino-americanos<sup>33</sup>, da crise atual só poderemos sair pelo caminho da conversão e do perdão, fazendo-nos autênticos discípulos de Cristo, vivendo segundo o Espírito de Deus, discernindo os sinais dos tempos, a fim de que o Evangelho possa ser mais bem compreendido, vivido e anunciado.

(Tradução do original espanhol por Francisco das Chagas de Albuquerque)

## Referências bibliográficas

BENEDICTO XVI, Papa. *Catequesis del Papa sobre lo razonable de creer*. Retrieved November 21, 2012, from <http://www.aciprensa.com/noticias/texto-completo-catequesis-del-papa-sobre-lo-razonable-de-creer-en-dios-76463/>

BURDICK, J. Religion and Society in Contemporary Latin America. *Latin American politics and society*, 52(2), p. 167–176, 2010.

<sup>33</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conferência de Aparecida*, 2007, n. 365ss.

CEP. *Creencias religiosas y morales en Chile. ¿Qué dicen las Encuestas? Presentación especial*. Santiago: CEP, 2005.

DIENER, E.; TAY, L. The Religion Paradox: If Religion Makes People Happy, Why Are So Many Dropping Out? *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1278–1290, 2011.

DULLES, A. Tradición auténtica e inauténtica. *Communio*, n. 4, p. 15–23, 2001.

ECKHOLT, M. Aggiornamento in Zeiten der Krise. *Herder-Korrespondenz*, 65(2), 82–87, 2011.

FEDIAKOVA, E.; PARKER, C. Evangélicos en Chile Democrático (1990-2008): Radiografía al centésimo aniversario. *Revista Cultura y religión*, 3(2), p. 43–69, 2009.

FIGL, J. *Philosophie der Religionen: Pluralismus und Religionskritik im Kontext europäischer Denks*. Paderborn: Schoeningh, 2012.

FRANCISCO, Papa. Encuentro con los representantes de las Iglesias y comunidades eclesiales, y de las diversas religiones. Retrieved April 1, 2013, from [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130320\\_delegati-fraterni\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni_sp.html), 2013a.

FRANCISCO, Papa. *Homilía del Papa Francisco durante la misa de inauguración del Pontificado*. Retrieved April 1, 2013, from [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130319\\_omelia-inizio-pontificato\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato_sp.html), 2013b.

GARMANY, J. Slums, space and spirituality: religious diversity in contemporary Brazil. *Area*, 45(1), 47–55. doi:10.1111/j.1475-4762.2012.01134.x, 2013.

IRARRÁZAVAL, D. Identidad polisémica. *Teología y Vida*, n. 4, p. 615–624, 2005.

IVAKHIV, A. Toward a geography of “religion”: Mapping the distribution of an unstable signifier. *Annals of the Association of American Geographers*, 96(1), p. 169–175. doi:10.1111/j.1467-8306.2006.00505.x, 2006.

KASPER, W. Stellungnahme Theologen-Memorandum. Retrieved November 25, 2012, from <http://www.kardinal-kasper-stiftung.de/Theologen-Memorandum.html>, 2011.

KUNSTMANN, J. *Rückkehr der Religion: Glaube, Gott und Kirche neu verstehen / Joachim Kunstmann* (1. Aufl.). Gutersloh: Gutersloher Verl.-Haus, 2010.

LAGOS, M. La imagen de la Iglesia. Su evolución en el último cuarto de siglo. *Mensaje*, n. 472, p. 28–31, 1998.

LATINOBARÓMETRO. Latinobarómetro 2011. Retrieved April 1, 2013, from <http://www.latinobarometro.org/latino/latinobarometro.jsp>, 2011.

LUHMANN, N. *La religión de la sociedad*. Madrid: Trotta, 2007.

MALLIMACI, F. Religious diversity in a global village: Institutional heterogeneity and individualization of believing. *Social compass*, 45(1), p. 57–63, 1998.

MALLIMACI, F.; BELIVEAU, V. G. Creencias e increencia en el Cono Sur de America. Entre la religiosidad difusa, la pluralización del campo religioso y las

relaciones con lo público y lo político. (Spanish). *Revista argentina de sociología*, n. 5(9), p. 44–63, 2007.

METZ, J. B. Gotteskrise. Versuch zur “geistigen Situation der Zeit”. In AA.VV. (Ed.). (Vols. 1-Book, 1-Section, pp. 76–92). Düsseldorf: Patmos, 1994.

ORTH, S. Welche Krise? *Herder Korrespondenz*, 65(4), p. 163–165, 2011.

PARKER, C. ¿América Latina ya no es católica? Pluralismo cultural y religioso creciente. *América Latina hoy*, 41, p. 35–56, 2005.

PARKER, C. Política, religiosidad y ateísmo en universitarios chilenos: ¿nuevos paradigmas? *Estudios Avanzados Interactivos*, 5(7), p. 1–27, 2006.

SELKA, New Religious Movements in Brazil. *Nova religio*, 15(4), p. 3–12. doi:10.1525/nr.2012.15.4.3, 2012.

SILVA, J. Jóvenes y religión: Cuando la crisis es motivo de esperanza. In: Sociedad Chilena de Teología (Ed.). *Crisis epocal: oportunidades y desafíos a la fe y a la Iglesia*. Vols. 1-Book, 1-Section. Talca: Sociedad Chilena de Teología. 2007.

TORAÑO FERNÁNDEZ, A. Elementos para la comprensión actual de la transmisión y recepción de la fe. *Sal Terrae*, n. 93, p. 711–721, 2005.

UNIVERSIDAD CATÓLICA; ADIMARK. Encuesta Nacional Bicentenario. *Centro de Políticas Públicas UC*, 7(12), p. 11–58, 2012.

**Joaquín Silva Soler.** Graduado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de Chile; obteve o Doutorado em teologia, Faculdade de Teologia da Universidade de Tübingen, Alemanha. Suas linhas de pesquisa: Teologia fundamental: Teologia e Ciência Sociais; Religião e Cultura; Razão e Fé; Ateísmo. Filosofia da religião: História da filosofia da religião; Fenomenologia da religião; Pergunta e existência de Deus. Teologia latino-americana: Questões epistemológicas, Igreja e Direitos Humanos, Igreja e Opção pelos pobres. Integra o corpo docente da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Chile desde 2003 e foi seu Diretor de 2010 a 2013. Algumas de suas publicações: Jóvenes y religión: Cuando la crisis es motivo de esperanza. In: Sociedad Chilena de Teología (Ed.). *Crisis epocal: oportunidades y desafíos a la fe y a la Iglesia*. Talca: Sociedad Chilena de Teología, 2007, p. 61-93. vols. 1-Book, 1-Section; El implicado filosófico de la hermenéutica teológica: Aportes de Bernhard Welte para pensar la presencia de la filosofía en la teología. *Teología y Vida*, 2, p. 188-263, 2000. As vivências religiosas entre os jovens: pressupostos filosófico-teológicos de análise. In: OLIVEIRA, P. E. de; TESCAROLO, R. (Ed.). *Ensaio sobre ciência e fé*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012, p. 10-36. vols. 1-Book, 1-Section; La salvación de Dios según las condiciones epocales del ser. In: PARRA, F.; SERRANO, A. (Ed.). *La inteligencia de la esperanza: Homenaje al profesor Juan Noemi Callejas*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2012, p. 407-432.

**Endereço:** Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Chile.  
Av. Vicuña Mackenna 4860  
Macul – Santiago – Chile